

A PERGUNTA DE JEFFREY SACHS

Luiz Carlos Bresser-Pereira

Folha de S.Paulo, 07.09.1988

Jeffrey Sachs, o jovem e brilhante economista da Universidade de Harvard, passou três dias na última semana em São Paulo, a convite do Instituto de Economia Mundial Fernand Braudel. Em sua breve passagem pelo Brasil o tema fundamental de Sachs foi a dívida externa, suas terríveis conseqüências sobre a economia interna dos países latino-americanos, e as propostas globais que estão surgindo nos países do Primeiro Mundo para permitir a redução da dívida. Mas para que essas propostas globais, que partem de economistas, de grandes bancos como o American Express, e mais recentemente do próprio governo japonês, se tornem realidade Sachs insistiu que é essencial a pressão dos países devedores, sua recusa em pagar integralmente uma dívida que obviamente não pode ser paga. E a pergunta que deixou para os brasileiros foi uma só: "afinal por que as elites empresariais e o governo brasileiro insistem em tentar pagar uma dívida que produz déficit público e inflação, transferência real de recursos para o exterior, redução da taxa de investimentos e estagnação econômica?"

Jeffrey Sachs é provavelmente um dos economistas que mais profundamente estudou a crise da dívida dos países em desenvolvimento. Quando eu o conheci em Washington, no final de julho de 1987, eu tinha terminado uma série de entrevistas com o Secretário do Tesouro, o Presidente do Federal Reserve Bank, o Secretário Geral do FMI e o Presidente do Banco Mundial, que, em conjunto com os ministros das finanças dos principais países credores, formam o sistema de poder sobre as finanças internacionais. A todos eles eu dissera que a dívida do Brasil era alta demais para ser paga, e que a solução para a dívida estava na sua redução com base no desconto existente no mercado secundário. Para isso seria necessário que o Banco Mundial ou o FMI dessem garantia aos novos títulos com desconto que substituiriam a dívida velha. Jeffrey Sachs não só concordou imediatamente com essas idéias, mas transmitiu-me uma série de informações e de argumentos que foram preciosos na formulação da proposta brasileira para uma solução a longo prazo para a dívida. Para essa formulação só Fernão Bracher teve uma contribuição maior do que a de Sachs.

Quando Sachs terminou sua exposição no simpósio do Instituto de Economia Mundial Fernand Braudel, recebeu demoradas palmas dos empresários presentes. E no

entanto nenhum deles foi capaz de resolver o quebra-cabeças para o qual pedia uma explicação. As elites empresariais brasileiras apoiaram recentemente a "normalização" das relações financeiras do Brasil com os credores, embora seja óbvio que o acordo alcançado beneficia principalmente os bancos credores. Para o Brasil continua a inflação e a estagnação. E o deságio dos débitos brasileiros aumentou ao invés de diminuir depois do acordo, demonstrando que os banqueiros sabem muito bem que só eles foram efetivamente beneficiados. No momento, estão muito preocupados em assinar de forma definitiva o acordo antes da promulgação da nova Constituição para evitarem o referendun do Congresso...

A economia brasileira enfrenta hoje uma crise econômica sem precedentes, cuja origem básica é a crise fiscal, é perda de capacidade de poupança e investimento do setor público. O fator determinante dessa crise fiscal são os juros da dívida externa, visto que essa dívida hoje é em mais de 80 por cento pública. É essa mesma dívida a causa fundamental da redução dos investimentos e da estagnação econômica hoje vigentes no Brasil. Mas as elites brasileiras, tímida e obedientemente, sentem-se na obrigação de pagá-la. Por que? Jeffrey Sachs voltou para Boston sem uma resposta.